

LOPES, CELIA REGINA DOS S.. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). Ensino de gramática: descrição e uso. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

5

PRONOMES PESSOAIS

Célia Regina dos Santos Lopes

A integração, principalmente no português do Brasil, de *você* e *a gente* no quadro de pronomes criou uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis da língua. Originada de uma expressão nominal de tratamento (*Vossa Mercê*) que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, a forma *você* manteve algumas propriedades mórficas que acarretaram o rearranjo no sistema. Persiste a especificação original de 3ª pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de 2ª pessoa. Algumas alterações afetaram em cadeia as sub-classes dos oblíquos átonos (pronomes-complemento) e dos possessivos, como ilustrado em (1)

(1) *Você_i disse que eu te_i acharia na faculdade para pegar o teu_i livro*

em que novas possibilidades combinatórias (*você* com *te*, *teu* /*tua*) se tornam usuais. Entretanto, os compêndios gramaticais rotulam (1) como “mistura de tratamento” e só aceitam as combinações propostas em (2)

(2) *Você_i disse que eu o_i acharia na faculdade para pegar o seu_i livro.*

Os rearranjos não terminam aí. Com a migração do possessivo de terceira *seu* (e variantes) para o paradigma de segunda pessoa, ocasionada também pela inserção de *você* no sistema, a forma *dele* tem sido utilizada como estratégia “possessiva” de 3ª pessoa para evitar a ambigüidade do possessivo *seu*, que atende às duas pessoas (segunda e terceira).

Condenada pela gramática tradicional, a chamada “mistura de tratamento” apresentada em (1) atingiu também o imperativo com o crescimento do seu uso referente ao sujeito *tu*, mesmo quando o tratamento do ouvinte se faz com *você*. Em propagandas oficiais veiculadas pela mídia, encontramos exemplos dessa natureza: ***Vem pra Caixa' você também.***

Outra reestruturação ocorreu no paradigma verbal que perde sua riqueza flexional passando de seis para três formas básicas (*eu falo*, *tu/você/ele/a gente fala*, *vocês/eles falam*). Estudos mostram que o português do Brasil estaria passando de uma língua de *sujeito não-preenchido* (\emptyset *Falamos muito*) para uma língua de *sujeito preenchido* (*Nós falamos muito*). A perda da desinência verbal dá aos novos pronomes o *status* de únicos indicadores da categoria de pessoa, daí sua presença ter se tornado cada vez mais obrigatória. São várias as alterações morfosintáticas: introdução de novas formas pronominais, simplificação da flexão verbal e

preenchimento obrigatório do sujeito. As novas formas *você* e *a gente* adquirem ainda valor indeterminado dessas novas formas *você/a gente*. Além da referência definida, o uso de *você* e de *tu* se expandiu para os contextos de referência indeterminada e já aparece em construções existenciais, como em “*Você* tem uma loja lá na rua que só vive em liquidação” com o sentido de “*Existe/Há* uma loja lá na rua que só vive em liquidação”. No plural, pode-se dizer que *vocês* acabou por substituir o pronome *vós*. O pronome *a gente* apresenta também um caráter indeterminador em oposição a uma nuance mais específica de *nós*. O falante se descompromete com o discurso, tornando-o mais vago e genérico, pois tal forma pode englobar as demais pessoas (*eu + você(s) + ele(s) + todo mundo ou qualquer um*).

Não há, ainda, um completo mapeamento descritivo do quadro atual de pronomes e das repercussões gramaticais ocasionadas pelo emprego cada vez mais freqüente de *você/a gente*. Com relação à substituição de *nós* por *a gente*, permanece a convivência das duas estratégias de referência à primeira pessoa do plural no português falado do Brasil, embora a forma inovadora venha ganhando espaço nas últimas décadas. A variação entre *você* e *tu* apresenta um comportamento diferenciado nas diversas regiões do país. Em termos evolutivos, o uso majoritário de *tu* – forma recorrente no século XIX – só será suplantado por *você* por volta dos anos 20-30 do século passado. No último quartel do século XX, no entanto, há um retorno do pronome *tu* à fala carioca sem a marca flexional de segunda pessoa. Nas três capitais do Sul também há uma distribuição irregular: a ausência de *tu* em Curitiba, sua concorrência com *você* em Florianópolis e Porto Alegre, com uma interessante particularidade: em Florianópolis, *tu* é menos freqüente que *você*, mas tende a aparecer mais com a flexão verbal marcada, enquanto em Porto Alegre, *tu* é mais freqüente, mas a flexão verbal é mais rara. Falta-nos uma descrição mais detalhada dessa variação nas regiões Norte e Nordeste.

A questão é complexa¹, principalmente, se forem levadas em conta as descrições apresentadas nas gramáticas normativas que pautam o ensino de língua portuguesa no Brasil. Como afirmaram Lopes e Cunha (1994), “já há algum tempo deixamos de viver no país do *eu, tu, ele, nós, vós, eles*, mas ainda é com estes trajes que as pessoas do discurso se apresentam aos desavisados. Que a norma gramatical dos manuais escolares não serve de espelho para ‘a língua como ela é’ nossas crianças percebem sempre, e não é à toa que comentam; ‘mas não é assim que a gente fala.’ Em geral, a idéia do aprendiz – não por culpa sua – se forma a partir de um juízo bastante negativo: a língua dos livros é a certa e a que freqüente a nossa boca é uma corruptela, um apanhado de usos imperfeitos. Todos, enfim, falam um português mal-aprendido. Isto são coisas mais que sabidas, não chovamos no

molhado. A questão é: que foi feito dos pronomes pessoais?” Quais as regras prescritivas ainda operantes? Como ajustar o ensino a uma realidade lingüística concreta?

A VISÃO TRADICIONAL

Nas diversas gramáticas normativas, não há divergências significativas quanto ao elenco dos pronomes pessoais sujeitos e a forma de apresentá-los. Os gramáticos caracterizam os pronomes pessoais como indicadores universais das três pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala e de quem/que se fala, admitindo formas no singular com correspondentes no plural. Em síntese, o quadro é o seguinte:

	Singular	Plural
1ª pessoa	Eu	Nós
2ª pessoa	Tu	Vós
3ª pessoa	Ele/ela	Eles/elas

Esse leque de pronomes, além de não incluir formas amplamente utilizadas na linguagem coloquial, como é o caso de *você/vocês/a gente*, concebe, equivocadamente, *nós* e *vós* como meros plurais de *eu* e *tu*.

As gramáticas normativas e os manuais didáticos, que raramente explicam fenômenos já consagrados na linguagem coloquial, não apresentam uma posição coerente e única quando se referem à forma *a gente*. A classificação é, em geral, controversa, pois ora consideram *a gente* como “fórmula de representação da 1ª pessoa”, forma de tratamento, pronome indefinido ou, ainda, recurso para indeterminar o sujeito.

Com relação à forma *você*, a situação não é diferente. Alguns autores consideram-na como forma de tratamento de 3ª pessoa (Bechara, 2001:135; Rocha Lima, 1972; Almeida, 1985), outros afirmam ser uma estratégia de 2ª pessoa ou pronome de tratamento de 2ª pessoa (Cunha e Cintra, 1985:284). Outro aspecto controverso refere-se à chamada *mistura de tratamento*. Numa postura prescritiva, Almeida (1985) afirma que, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, se deve manter a uniformidade de tratamento do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se o interlocutor for tratado por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos adjetivos possessivos. Se optarmos por *tu*, devemos usar os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Ao empregar *Vossa Senhoria*, *Senhor*, *Você*, devem-se empregar *o*, *lhe*, *seu*, *sua* etc, segundo o gramático.

O quadro de pronomes pessoais, que ainda vigora nas gramáticas, estruturado a partir de três pessoas do discurso (*eu/tu/ele*) com variação de número (*nós/vós/eles*), está longe de ter uma coerência interna e de dar conta da realidade concreta do português do Brasil. Urge uma revisão. Primeiramente, precisamos de uma definição coerente. Em que consiste a classe dos pronomes? Qual a diferença entre pronome e nome?

A CLASSE DOS PRONOMES: POR UMA DEFINIÇÃO COERENTE

Adotando a perspectiva discutida no capítulo de Classes de Palavras, o pronome se distinguiria semanticamente dos nomes pelo seu caráter indicativo ou mostrativo (dêitico), que se oporia ao caráter representativo (simbólico) da outra classe. Outras propriedades peculiares estabeleceriam o contraste entre nomes e pronomes. Embora não necessariamente expressas pela flexão, os pronomes apresentam três características privativas: a noção de pessoa gramatical, situando a referência do pronome em função do falante (*eu, nós*), do ouvinte (*tu/você, vós/vocês*), ou fora da alçada dos dois (*ele/ela, eles/elas*); a noção de caso – variação de forma de acordo com o caso (*eu* nominativo x *me/mim* acusativo e genitivo) – e o gênero neutro – referência a entidades inanimadas (*isso/aquilo*).

Com relação às propriedades funcionais propostas por Câmara Jr. (substantivos, adjetivos e advérbios), como mencionado no capítulo 8, não se pode opor eficazmente a classe dos pronomes à dos nomes, porque ambas podem exercer as mesmas funções sintáticas (núcleo do sujeito, complementos e sintagmas preposicionados). Há pelo menos uma diferença fundamental em termos de comportamento sintático: os pronomes, principalmente os pessoais, ao contrário dos nomes, não podem ser antecidos por determinantes e funcionam, em geral, como núcleos isolados no sintagma nominal (doravante SN). Se não é no nível oracional que melhor serão identificadas as diferenças entre a classe dos nomes e a subclasse dos pronomes pessoais, num nível hierarquicamente mais baixo, no SN, as posições ocupadas e as funções exercidas são diferentes.

Tradicionalmente, o pronome é definido como substituto do nome. A idéia de substituição não se aplica, entretanto, a toda a classe de pronomes, sendo restrita a alguns deles. Formas pronominais que se caracterizam como determinantes, particularmente os possessivos, não podem substituir um nome: (*Maria/ela/aquela/alguém/*minha* foi à festa). Outro aspecto que merece atenção é o fato de a dita substituição não ser necessariamente do nome, mas de todo o SN. Quando o sintagma tem como núcleo apenas um nome, a substituição será exclusiva, como em (a); caso contrário, o pronome tomará o lugar de todo o sintagma como em (b):

(a) *Patrícia* viajou *x ela/alguém* viajou;

(b) *Aquela esperta menina de três anos* viajou sozinha *x ela/alguém* viajou sozinha;

A substituição apenas do nome “menina” em (b) torna agramatical a oração: “**Aquela esperta ela/alguém de três anos* viajou sozinha”.

Os pronomes pessoais, ao contrário dos nomes, não podem ser antecidos por determinantes e funcionam, em geral, como núcleos isolados no SN. Pode-se dizer “a menina falou”, mas “*a ela falou”, ou “*o eu falei” seriam agramaticais. Os pronomes pessoais admitem um determinante posposto, que se restringe a adjetivos (*mesmo, próprio*) e a numerais: “*eu mesma fiz isso, nós mesmos fizemos tal coisa, nós três fomos ao cinema*”. Quanto a esse aspecto, considera-se, ainda, a diferença que se estabelece entre as formas de primeira pessoa (P1) e segunda pessoa (P2) no singular e no plural. A restrição quanto aos determinantes nas formas do singular (*eu, tu/você*) é bem maior do que com as formas plurais. Nessas últimas, é possível a determinação com numerais (*nós três, vocês quatro*) e com lexias do tipo *três de nós*. Com formas no singular, só é possível a modificação pelos adjetivos *mesmo* e *própria* (*eu mesma, eu própria*).

A mudança no sistema de traços: pessoa, número e gênero

As formas invasoras *a gente* e *você* são formas advindas de nomes ou expressões nominais, respectivamente, o substantivo *gente* e o tratamento de base nominal *Vossa Mercê*. Ao assumirem, em certos contextos discursivos, determinadas propriedades, valores e funções, essas novas formas pronominalizadas passaram a fazer parte de uma outra classe/categoria. Que propriedades semântico-formais se mantiveram e quais se alteraram durante o processo de mudança lingüística de nome para pronome? As formas pronominalizadas *você* e *a gente* (formas nominais que passaram a ser pronomes) apresentam, ainda hoje, especificidades que as distinguem dos demais pronomes pessoais e causam as assimetrias no quadro atual dos pronomes do português. Então, vejamos:

Revisitando um conceito: quem é a terceira pessoa?

A noção de pessoa remete à situação lingüística, à enunciação, ao intercâmbio verbal, que pressupõe duas pessoas: o locutor (o *eu*) e o interlocutor (o *tu*). A dita terceira pessoa está fora deste eixo dialógico, caracteriza-se como a “não-pessoa” (Benveniste, 1988), em oposição às verdadeiras pessoas do discurso (quem fala, *eu*, versus quem ouve, *tu*). A “não-pessoa” é o próprio objeto da enunciação, o enunciado. O pronome de terceira pessoa *ele* originou-se do pronome demonstrativo latino *ille* e ainda mantém a propriedade de flexão de

gênero (*ele/ela*) e número (*ele/eles*) dos demonstrativos. Os pronomes pessoais “legítimos” não sofrem flexão de gênero/número (*eu/nós, tu/vós*), pois são itens lexicais diferentes, e não a variação de um mesmo item. A dita não-pessoa combina-se a verbos que, em geral, levam desinência zero, confirmando sua impessoalidade. As formas de primeira e segunda pessoas teriam maior dimensão pragmática, no sentido de serem os verdadeiros vocábulos dêiticos situacionais. As formas de terceira pessoa são, em geral, menos situacionais e mais textuais, ou seja, anafóricos. Tanto os pronomes de terceira quanto os nomes compartilham o traço neutro para pessoa (P3)². Os nomes têm essencialmente, no plano semântico, um caráter representativo ou simbólico, ao passo que os pronomes se caracterizam como formas indicativas que situam os seres ou/coisas no mundo bio-social.

A forma pronominal *a gente* teria mantido o traço formal de 3^a pessoa³, porque continuou a se combinar com verbos em P3 (*a gente tem uma paisagem bonita no Rio*), mas a interpretação semântico-discursiva se alterou para [+EU]⁴, uma vez que passou a incluir o falante. Tal postulação pode ser referendada por dois indícios sintáticos. O primeiro seria a concordância verbal com P4, freqüente no português não-padrão, e o segundo seria a co-indexação pronominal com *nosso(s)/nossa(s)*. Numa frase como “*a gente andava de bicicleta, pois era o nosso esporte predileto*”, verifica-se que, embora a concordância verbal se dê com a 3^a pessoa do singular, a interpretação semântica para *a gente* pressupõe o “falante + alguém”.

Mesmo entre falantes cultos que não costumam estabelecer a concordância de *a gente* com verbo em P4, verifica-se a interpretação semântica [+EU] presente em termos formais. Nos exemplos (3) e (4), extraídos de reportagens de jornais (texto escrito), inicia-se um enunciado com *a gente* e é encadeada uma série de estruturas com a presença de P4, seja no verbo, seja em formas pronominais correlatas.

[3] O objetivo era preparar tudo para a chegada da Regina. *A gente **trabalhou** à beça e **pesquisamos** um monte de coisa. Para parecer que tudo foi feito de improviso, conta Alberto. (Jornal do Brasil, 19/08/97)*

[4] “por isso, *vamos* conversar. Entre em contato com *a gente*, para *nos* contar o que aconteceu. *Queremos* saber os motivos que levaram a essa decisão.” (Extraído de uma carta comercial da Diretoria da Editora Globo, maio/1998)

Com *você* ocorreu o mesmo processo. Persiste a especificação original de 3^a pessoa [Øeu], apesar da alteração ocorrida em termos semântico-discursivos. Mesmo correlacionada a formas tradicionalmente consideradas de 2^a (*te/teu/vos/vosso*) [-eu] ou de 3^a pessoa (*seu-s*) [Øeu], o pronome *você* definido passou a fazer referência à segunda pessoa [-EU]. Aos

poucos, tal interpretação semântico-discursiva passa a figurar formalmente, apesar de ainda ser condenada pelo ensino tradicional. A combinação de *você* com formas de 2ª pessoa não é, como muitos pensam, uma novidade da fala contemporânea. Em cartas do Paraná escritas em 1888 e no Rio de Janeiro, em fins do século XIX (1880-1881), indícios da “mistura de tratamento”, ainda repudiada no século XX pelos manuais escolares, são localizados. Os exemplos de (5) a (7) evidenciam que a possibilidade da combinação de *você* com formas pronominais de 2ª pessoa (*te/teu*) e a variação entre formas verbais na 2ª pessoa e o imperativo de 3ª pessoa em (8) não são fenômenos novos.

(5) *Dizes que tens muita saudade de teu papai que morreu e de todos nos de ca nos tambem temos muitas saudades delle de ti, de teu irmão, de tua mamea, de Thia Paulina e Thio Julio; bem desejo que venhão todos e estou fazendo uma casa em Botafogo, onde caberemos todos melhor do que na rua do Conde. Bebê me diz que voce come bem e esta engordando muito; e como ninguem de la me diz - Tichet fes tolices - estou acreditando que és um menino de juiso” (Carta de Christiano Ottoni ao neto Misael, carta 2, Fevereiro de 1880-RJ)*

(6) *Has de notar que a cartinha que eu escrevo a Christiano é mais comprida do que esta: a razão é que elle escreveu, e eu tive de fallar da carta delle. Mas não deixo de escrever-te tambem, não so porque quero bem a ambos, mas para que voce tambem va adquirindo gosto por estas comunicações, que servem de exercício para vir a escrever bem. (Carta de Christiano Ottoni ao neto Misael, carta 3, 18/12/1881-RJ)*

(7) *"Voce e Juvelina recebem lembranças de todos e um apertado abraço d´esta tua irmã que muito te estima”. (Carta de Julieta F. L. Ascencao à sua irmã Josephina, Curitiba, 26/08/1888-PR)*

(8) *Com praser li tua estimada carta de 12 Setembro ultimo, e por ela comprehendí que frues vigorosa saude, bem assim tua família. (...) A leitura que fiseste dos jornaes da terra, e o que a “Gasetta” verberou sobre a policia é a expressão da verdade. (...) Recommende-nos a sua mulher e filhas. Quando vier me traga um bom sobre tudo: receba um saudoso abraço do teu velho amigo (Carta 12 de Francisco de Paula França ao amigo José, Curitiba 02/11/1888-PR)*

A integração da forma *você* no quadro de pronomes pessoais ocasionou a reestruturação do sistema em termos das variadas possibilidades combinatórias ou de correspondência que *você* passou a assumir, seja em relação aos pronomes possessivos *você – teu~seu*, seja no rearranjo causado também nos pronomes oblíquos (dativos ou acusativos - *de você – te ~ lhe ~ o/a*). Tal mudança não pode, contudo, continuar sendo considerada como “mistura de tratamento” ou como “falta de uniformidade no tratamento”.

O traço de número: Quem é a gente? Quem são vocês?

Os nomes podem ocorrer tanto no singular, quanto no plural, o que leva à seguinte oposição semântica: “um elemento” *versus* “mais de um elemento” (*o livro* “um elemento” x *três livros* “+ de um elemento”).

Com os pronomes, a correlação não é tão automática. Existe um aspecto a ser considerado por divergir da descrição gramatical. Trata-se da oposição entre singular e plural nos pronomes pessoais. A noção de número implica o agrupamento de elementos de mesma natureza e não é isso o que ocorre, por exemplo, com a forma *nós*, apresentada tradicionalmente como plural de *eu*, e *vós/vocês* como plural de *tu/você*. No primeiro caso, é inconcebível a junção de elementos iguais (*eu+eu*), havendo, na verdade, várias possibilidades interpretativas: *eu+você*, *eu+ele*, *eu+ vocês*, *eu+ eles*, *eu+ todos*. No segundo caso, do mesmo modo, a forma plural refere-se a um conjunto indeterminado, abrangente, genérico e até difuso. Quando o falante diz “*Havia uma tradição, desde a Copa do Mundo de cinquenta, pelo menos aquele pessoal que assistiu e se lembra daquilo. Ah, até nós sairmos perdendo. O Brasil estava jogando mal*”, pode estar se referindo a ele pessoalmente associado ao interlocutor, aos jogadores que participaram da partida, aos torcedores, enfim, a todos os brasileiros em geral.

O substantivo *gente* apresentava, na história do português, comportamento similar ao que ocorre com *povo*, *grupo*, *multidão* e com os substantivos coletivos: podia ser usado não só no singular (*esta gente*) mas também no plural (*estas gentes*). O traço formal de número plural, registrado na sintaxe, se perdeu com o tempo. A forma cristalizada *a gente*, cuja referência conceptual é uma massa indeterminada de pessoas disseminada na coletividade – com o *eu* necessariamente incluído –, herdou, justamente, a possibilidade combinatória com o singular, e não com o plural. Manteve-se uma interpretação semântica pluralizada, ao mesmo tempo em que *a gente* designa um todo abstrato, indeterminado e genérico, representando o conjunto base “ser–pessoa”.

Assim como ocorreu nos primeiros tempos com *gente*, o substantivo *mercê* também apresentava variação de número (*mercê* – *mercês*). No processo de mudança categorial, não houve transformações quanto a esse aspecto. A presença ou ausência do morfe flexional de número tanto em *Vossa Mercê* como em *ocê* determinam a sua interpretação pluralizada (segunda pessoa do plural) ou singularizada (segunda pessoa do singular). Em relação ao número, a forma gramaticalizada *ocê* apresenta comportamento similar aos pronomes de 3ª pessoa (*ele/eles*).

A perda do gênero formal: assumindo comportamento de pronome pessoal

Nos nomes substantivos, o *gênero formal* pode estar presente na estrutura sintática, embora a informação do *gênero semântico* possa estar ausente. Em *a mesa limpa* ou, *o prato sujo*, apesar dos traços formais de gênero, não há informação de sexo (*gênero semântico*). Quando se diz *A cobra foi capturada* ou *as pessoas estão atrasadas*, tem-se a concordância com o feminino, apesar de não se ter necessariamente *cobra fêmea* ou *pessoas do sexo feminino*. Nos substantivos em que há certa correlação entre forma-sentido, como é o caso dos variáveis (aqueles que admitem flexão de gênero - *o(a) aluno(a)*, *o(a) pato(a)*), o *gênero semântico* faria parte do significado lexical dos itens. Entre os substantivos animados invariáveis, há casos de isomorfismo entre os traços formais e os semânticos, como é o caso de: *vaca* [+fem], *rei* [-fem], *pai* [-fem]. Em outros, o gênero semântico é “neutro”, isto é, refere-se genericamente aos dois sexos. Incluem-se, nesse último grupo, formas como *gente*, *mercê*, *pessoa*, *vítima*.

Nos pronomes pessoais, as formas de terceira pessoa *ele/ela*, *eles/elas* são marcadas formal e semanticamente quanto ao gênero. No que se refere aos outros pronomes pessoais legítimos, o gênero formal é neutro, pois *eu*, *tu*, *nós* e *vós* não têm marca de gênero expressa em termos flexionais. Semanticamente, no entanto, há uma dupla possibilidade interpretativa, porque formas pronominais como *eu*, *tu/você*, *nós/a gente* podem combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino em estruturas predicativas, acionando uma interpretação de gênero. Quando alguém diz “*eu estou velha*”, sabe-se que o *eu* é uma mulher, porque o adjetivo *velha* está no feminino, é seu co-referente, mesmo que o pronome *eu* não apresente gênero formal. A variação de gênero assumida pelos adjetivos em co-ocorrência com o pronome de 1ª pessoa aciona uma interpretação semântica, embora o gênero formal do pronome *eu* em si seja nulo.

Com a entrada no sistema pronominal da forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo *gente* teria se perdido,

tornando-se neutra, como ocorre com as outras formas pronominais de primeira e segunda pessoas (*eu/nós, tu/você(s)/vós*), que não têm gênero formal. O substantivo *gente*, apesar de formalmente feminino, não impõe restrições quanto ao sexo dos referentes, uma vez que se refere a um grupamento de pessoas [+genérico]. No seu processo de pronominalização, a forma *a gente* pronominal, apesar de não ter gênero formal como os outros pronomes pessoais legítimos (*eu, tu, nós, vós*), apresenta subespecificação semântica quanto ao gênero, uma vez que *a gente* pode combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino dependendo do gênero semântico (*a gente ficou arrasada* (referência exclusiva a mulheres) ou *a gente ficou arrasado* (referência mista ou exclusiva a homens). A partir dessa mudança de propriedade, a combinação formal no predicativo com formas no masculino e no feminino aciona um tipo de interpretação semântica quanto ao gênero.

Com *Vossa mercê* > *você* ocorre processo semelhante (Rumeu, 2004). *Vossa mercê* era formalmente uma expressão no feminino, pelo fato de *mercê* ser um substantivo [+fem] (*Estou à sua mercê.*). Em termos semântico-discursivos, *Vossa Mercê*, como tratamento, já diverge do substantivo, pois o predicativo que acompanha *Vossa Mercê* permite resgatar o gênero do referente (*Vossa Mercê está animado/animada*). *Você* conserva tal interpretação subespecificada do gênero semântico, mas perde o traço formal da antiga expressão nominal de tratamento e passa a se comportar como os outros pronomes pessoais legítimos que não têm gênero formal (*eu/tu/nós/vós*): *Tu estás cansada/Você está cansada*.

Em suma:

- a) Os pronomes pessoais _ os legítimos dêiticos _ que se referem às pessoas do discurso (*eu/tu/você/nós/a gente/vós/vocês*) não apresentam gênero formal, embora possam acionar interpretação de gênero semântico (*eu estou cansada* – uma mulher falando).
- b) Os pronomes de terceira pessoa (não-pessoa), mais anafóricos que dêiticos, apresentam correlação entre o gênero formal e semântico (*ele está cansado/ela está cansada; eles(as) estão cansado(a)s*).
- c) Os pronomes pessoais apresentam, no geral, correlação entre os traços formais e semântico-discursivos de número e pessoa. Se a forma está no singular (*eu* ou *tu*, por exemplo), a interpretação semântica é singular (*eu* - um indivíduo que fala ou *tu* - um indivíduo que ouve), se está formalmente no plural (*nós*), a interpretação é plural (mais de um indivíduo falando), e assim por diante. No que se refere às formas pronominalizadas *a gente* e *você* não há tal correlação, pelo fato de tais formas terem herdado propriedades nominais (a concordância verbal com a terceira pessoa, a “não-pessoa”). O pronome *você*, por exemplo,

estabelece concordância verbal com a terceira pessoa gramatical (manutenção de um traço original), embora faça referência à segunda pessoa (ganho de uma propriedade pronominal).

A VARIAÇÃO ENTRE *NÓS* e *A GENTE*: ALGUNS RESULTADOS EMPÍRICOS

Diversos estudos com base em amostras de fala do português do Brasil (Cf. Omena, 1986, 2001; Lopes, 1993, 1999, 2003; Machado, 1995; entre outros) procuraram demonstrar que a forma inovadora *a gente* vem suplantando o pronome *nós* nos últimos 30 anos. Para dar um panorama geral do estágio atual da mudança, será apresentada uma síntese dos resultados de dois trabalhos (Lopes, 2003 e Omena, 2003) com amostras diferenciadas em termos de grau de escolaridade: nível superior (amostra do Projeto Norma Urbana Oral Culta, doravante NURC) e nível médio (amostra do Programa de Estudos do Uso da Língua, doravante PEUL-RJ). Para a análise do comportamento da comunidade, são confrontadas duas décadas de cada projeto: anos 70 e 90 e anos 80 e 2000, respectivamente.

Na figura a seguir, são apresentados os resultados das duas variedades nos dois períodos de tempo. A substituição de *nós* por *a gente* está se efetivando progressivamente, seja entre os falantes cultos, seja entre os não-cultos. Na amostra NURC relativa aos anos 70, o uso da forma mais antiga *nós* suplantava a forma inovadora, mas a nova amostra referente à década de 90, com informantes diferentes, sugere, ao contrário, um uso mais freqüente da forma inovadora, indicando uma aceleração rápida na implantação da substituição de *nós* por *a gente* entre falantes cultos. Nos resultados obtidos a partir de falantes de escolaridade média (Omena, 2003) -- décadas de 80 e anos 2000 --, no entanto, a comunidade não mudou, pois as proporções no uso das variantes continuam praticamente as mesmas. Há instabilidade no comportamento lingüístico dos falantes cultos, enquanto os de menor nível de escolaridade apresentam uma certa estabilidade de uma década para outra.

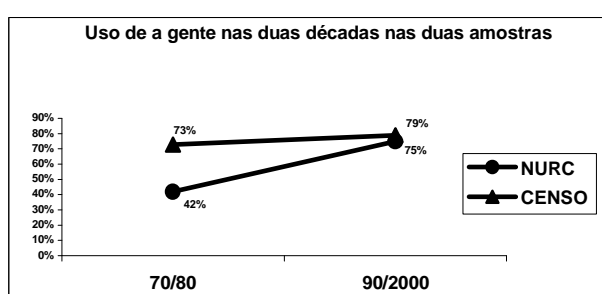


Figura 2: Uso de *a gente* em duas amostras (Callou & Lopes, 2004)

O comportamento lingüístico configurado para os falantes com escolaridade média, na verdade, evidenciava um prenúncio do que se observaria mais tarde entre os falantes cultos, tanto que os índices percentuais nos anos 90 e nos anos 2000 tornaram-se praticamente os mesmos (entre 75 e 80%). A gradativa implementação da forma inovadora se disseminou pela comunidade, pelo que tudo indica, propagando-se de baixo para cima, ou seja, das classes menos escolarizadas para as mais escolarizadas.

O que estaria determinando tais escolhas lingüisticamente?

Por ter herdado o traço indeterminado do substantivo *gente*, a forma *a gente* integra-se ao sistema pronominal concorrendo com *nós*. Postula-se que *a gente* resultou do seguinte processo: *gente* [nome genérico] → *a gente* [pronome indefinido] → *a gente* [substituto virtual do pronome pessoal *nós*]. O plural *nós* também permite leituras interpretativas diversas que vão desde uma determinação precisa, como *eu + você* ou *eu + ele*, até um grau máximo de indeterminação e generalidade: *eu + todo mundo* ou *eu + qualquer um*. Em termos comparativos, os diversos estudos sincrônicos⁵ já demonstraram que há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e ao interlocutor (*não-eu*), ou a *não-pessoa*: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*. Utiliza *a gente* também com o presente do indicativo, o infinitivo e o gerúndio, que são formas verbais características das enumerações de atos cotidianos, freqüentes ou até mesmo atemporais, associados aos discursos descritivo, argumentativo ou expositivo. Com a forma *a gente*, o falante se descompromete com o seu discurso, comentando assuntos gerais e não particulares. Quando eventualmente narra um fato vivido, o comprometimento com aquilo que enuncia é maior; por isso, o falante emprega o pronome *nós*, que possui um caráter mais específico e determinado, daí a sua presença em contextos lingüísticos cujo referente é identificável e conhecido e o tempo verbal é o pretérito, característico da narração de fatos reais. Existe ainda uma questão formal a ser considerada. Pelo fato de o presente e o pretérito terem a mesma forma na 1ª pessoa do plural (*nós cantamos* hoje, *não cantamos* ontem), a desinência **-mos** tem sido cada vez mais utilizada pelo falante para marcar o tempo pretérito. Daí a maior utilização de *nós* nesse tempo, empregando-se a forma *a gente* no presente do indicativo para estabelecer uma oposição antes neutralizada pela falta de marcas formais entre os dois tempos (Fernandes e Gorski, 1986).

Mas isso tudo está em pleno processo de mudança e, aparentemente, a forma inovadora avança em alguns contextos mais do que em outros.

E AS CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO? O QUE ENSINAR? ÚLTIMOS COMENTÁRIOS

Os manuais didáticos raramente fazem alusão às novas formas pronominais quando descrevem o quadro de pronomes pessoais, embora, como os resultados mostraram, a substituição de *nós* por *a gente* venha sendo implementada de forma acelerada nos últimos trinta anos no português do Brasil. Tal processo ocorreu não só na oralidade, mas também nos textos escritos, em que há a reprodução de situações dialógicas ou menor grau de formalidade (textos narrativos, cartas pessoais, publicidade e propaganda, *e-mails*, etc.). Nos textos lidos em sala de aula, veiculados pela mídia eletrônica, extraídos dos jornais ou dos manuais didáticos, as formas pronominais inovadoras são recorrentes. Por que deixar, então, de apresentar aos alunos tais estratégias alternativas que ocorrem em contextos lingüísticos e extralingüísticos específicos?

É fato que a implementação de *você* e *a gente* no sistema de pronomes pessoais gerou uma série de reorganizações gramaticais, tanto no subsistema de possessivos, quanto no de pronomes que exercem função de complementos diretos ou indiretos. O emprego de *com a gente* é mais produtivo que *conosco* na fala das crianças (Omena, 1986 e 2003). Como complemento e sujeito, *a gente* é a forma preferida. Em contrapartida, na variação entre *da gente*, como adjunto adnominal, e o possessivo *nosso(a)(s)*, há predomínio da forma conservadora e suas variantes (Omena, 1986). A correlação de *a gente* com formas de P4 (*nos- nosso*) é cada vez mais produtiva mesmo entre falantes cultos, do mesmo modo que *você* se combina a formas de 2ª pessoa (*te-teu*). A constituição desse paradigma supletivo é resultado de um processo de mudança similar ao que ocorreu em outras línguas românicas, como é o caso, por exemplo, do *voseo* hispanoamericano.

Não é possível continuar considerando como “falta de uniformidade de tratamento”. Seria tão incoerente como dizer que *ele* não é pronome pessoal por já ter sido um demonstrativo um dia!

Os quadros a seguir (Menon, 1995) registram as alterações comentadas e as novas correlações variáveis:

Quadro I (descrição tradicional)

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	POSSESSIVOS
P1	EU	ME	MEU/MINHA
P2	TU	TE	TEU/TUA
P3	ELE/ELA	O, A/LHE/(SE)	SEU/SUA

P4	NÓS	NOS	NOSSO(A)
P5	VÓS	VOS	VOSSO(A)
P6	ELES/ELAS	OS, AS/LHES/(SE)	SEU(S)/SUA(S)

Quadro II (situação atual)

PESSOA	PRON. SUJ.	PRON. COMP. DIRETO	POSSESSIVOS
P1	EU	ME	MEU/MINHA
P2	TU/VOCÊ	TE,LHE,(SE), VOCÊ	TEU/TUA/SEU/SUA/ DE VOCÊ
P3	ELE/ELA	O, A (SE)/LHE/ELE(A)	SEU/SUA/DELE(A)
P4	NÓS/A GENTE	NOS/A GENTE	NOSSO(A)/DA GENTE
P5	VOCÊS	VOCÊS/LHES/SE	SEU(S)/SUA(S)/DE VOCÊS
P6	ELES/ELAS	OS, AS (SE)/LHES/ELES(AS)	SEU(S)/SUA(S)/DELES(AS)

Qual deve ser o papel do professor frente a tal realidade? A mera substituição de um quadro por outro não resolveria o problema, pois as formas *nós~a gente* e *tu~você* ainda coexistem no português brasileiro. O pronome arcaizante *vós* está presente nos textos bíblicos e talvez ainda possa ser ouvido em templos religiosos que se espalham hoje pelo país. Deixar de apresentar aos alunos o atual sistema em toda sua complexidade é um equívoco, mas não mencionar a existência dos pronomes em desuso seria um equívoco ainda maior. Trata-se de um conhecimento passivo que precisa estar disponível, para que seja possível ler um texto de sincronias passadas (o cancionero medieval ou poesia trovadoresca dos primeiros tempos de nossa história, a “Carta de Caminha”, a poesia, os romances de época). Defende-se a apresentação paralela do novo quadro (não a mera substituição do antigo) e a aceitação das conseqüências geradas pela inserção das novas formas pronominalizadas no quadro geral de pronomes, como, por exemplo, a fusão/o sincretismo do paradigma de 2ª com o de 3ª pessoa do singular com as devidas repercussões nos possessivos e pronomes-complemento, a reformulação do sistema de tratamento da segunda pessoa do discurso (arcaização de *vós* e desenvolvimento de *vocês* e *senhor*), o rearranjo na conjugação verbal, as alterações na formação do imperativo, etc, etc. Defende-se a apresentação do que é *normal*, *usual* e *frequente* no português brasileiro, sem perder de vista o que está disponível na nossa literatura, na nossa língua, na nossa história. São os diferentes *saberes* envolvidos, como foi discutido no capítulo dois: a norma vernácula, o saber descritivo/prescritivo e o saber do professor. Um saber não anula o outro.

Como se percebe, há muito ainda por descrever, explicar, entender e, parafraseando João Ubaldo, apresentado no primeiro capítulo: “*vamos estudando, somos ignorantes, havemos de aprender. Nosso consolo é que muitas das coisas que nos afligem (ou que afligem a gente) devem afligir vocês também.*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAÇADO, J. O possessivo seu – diferentes tipos de ambigüidade e de posse. *Gragoatá*, 9: 193204. Niterói, 2º sem, 2000.
- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 33ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1985.
- AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre: UFRS. Tese de doutorado, 2003.
- AVELAR, J. O. *Estruturas com o verbo ter, preenchimento de sujeito e movimento em forma lógica*. Comunicação apresentada no III Congresso Internacional da ABRALIN. UFRJ, 2003.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Ed. Nacional, 1967.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1988.
- CALLOU, D. & LOPES, C. Contribuições da sociolingüística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança lingüística. *Revista do ENEL*. João Pessoa, 2004.
- CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CUNHA, C. & L. CINTRA. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I., KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. p.107-128, 1993.
- . *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Campinas/SP> UNICAMP. Tese de Doutorado, 1995.
- . Sociolingüística Paramétrica: perspectivas. In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.) *Estudos Lingüísticos: realidade brasileira*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda. 107-114, 1999.
- . A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da Conceição & DUARTE, M. Eugênia L. (orgs.) *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj. 115-128, 2003.
- FARACO, C. A. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. In: *Fragmenta 13*, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.
- FERNANDES, E. & GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeito Nós e *A gente*, um mecanismo do discurso em mudança. *Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, p. 175–83, 1986.

- LOPES, C. R. dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Dissertação de Mestrado, 1993.
- . *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. *Revista D.E.L.T.A.* São Paulo: EDUC, 14 (2)405–22.
- . *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Tese de Doutorado, 1999.
- . *A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, vol. 18, 2003.
- & DUARTE, M. E. L. De “Vossa Mercê” a “Você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.F. e MOTA, M.A. (org.) *Análise contrastiva de Variedades do Português: Primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio/Faculdade de Letras da UFRJ, p. 61-76, 2003.
- & CUNHA, C. de S. Pronomes Pessoais: A pesquisa Sociolingüística e a atualização da Gramática. *Trabalho apresentado no I Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: UFBA, 1994. (mimeo)
- MACHADO, M. dos S. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”: variação em dialetos populares do norte fluminense*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado, 1995.
- MENON, Odete da S. P. O sistema pronominal na região sul. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. 510-512, 1997.
- . O sistema pronominal do português. *Revista Letras*, Curitiba, n° 44, p.91-106, 1995.
- . Variação e mudança: o papel dos condicionamentos lingüísticos. *Fragmenta 13*, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR. Curitiba: Editora da UFPR, p. 89-113, 1996.
- & LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.) *Variação e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas: Educat. 147-188, 2002.
- MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- NEGRÃO, E. V. & MÜLLER, A L. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? *Revista DELTA*. São Paulo: EDUC, 12(1):125–152, 1996.
- OMENA, N. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. *et alii: Relatório final de pesquisa: projeto subsídios do projeto censo à educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2:286–319, 1986.
- . A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C. e DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa, 2003.
- PAREDES SILVA, V. L. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. *II Congresso Nacional da Abralín* (CD-rom), 2000.
- & SANTOS, G. M. dos & RIBEIRO, T. de O. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá*. Niterói, n° 9, p.115-123, 2000.

- . O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. (org.) *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 160-169, 2003.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 23^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- RUMEU, M. C. de B. *Para uma História do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2004.
- SILVA, G. M. de O. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Tese de Doutorado, 1982.
- . Um caso de definitude. *Organon*, Porto Alegre, no. 18, p. 90-108, 1991.
- SCHERRE, M. M.P. *et alii*. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *II Congresso Internacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, p. 1333-1347, 2000.

NOTAS

¹ Há diversos estudos sobre pronomes no português do Brasil sob diferentes perspectivas teóricas, além de Dissertações de Mestrado e Doutorado sobre o tema. Os comentários feitos até agora basearam-se em alguns deles: Amaral (2003), Faraco (1996), Menon (1995, 1996, 1997), Menon & Loregian-Penkak (2002), Silva (1982, 1991), Abraçado (2000), Negrão & Muller (1996), Paredes Silva (2000, 2003), Scherre *et al* (2000), Duarte (1993, 1995, 1999, 2003), Lopes e Duarte (2003), Rumeu (2004), Lemos Monteiro (1994), Avelar (2003), Lopes (1993, 1999), Omena (1986), Machado (1995), entre outros.

² Adota-se a subdivisão de Câmara Jr. (1970), pois não se considera que *nós* e *vós* são verdadeiros plurais de *eu* e *tu*, respectivamente, mas sim pessoas diferentes. *Nós* não é a soma de *eu+eu*, nem *vós/vocês* é a soma de *tu+tu/você + você*. Teríamos então: P1 = primeira pessoa do singular, P2 = segunda pessoa do singular, P3 = terceira pessoa do singular, P4 = primeira pessoa do plural ou o “eu-ampliado”, (*eu + alguém*), P5 = segunda pessoa do plural (*você/vós + alguém*) e P6 = terceira pessoa do plural.

³ Em Lopes (1999, 2003) postula-se um sistema de traços para explicar o processo de mudança. Para o atributo “pessoa”, utiliza-se o traço [eu] que seria mais ou menos marcado: [+eu] e [-eu]. Codifica [+eu] para 1^a pessoa, [-eu] para a 2^o pessoa (pronomes pessoais “legítimos”) e [ϕeu] para a “não-pessoa” (a dita 3^a pessoa).

⁴ Entende-se como [+EU] a representação de uma propriedade semântica do item que necessariamente inclui o falante.

⁵ Cf. Omena (1986), Lemos Monteiro (1994), Lopes (1993).